



A quarta-feira de cinzas sempre chega

Autor: Sérgio Peixoto Mendes*

É com pesar que lhes informo (como já o fez Cazuzá): o tempo não pára. Por mais divertido que tenha sido o carnaval, a quarta-feira de cinzas sempre chega e traz com ela a realidade (o enterro dos ossos). Entretanto, o que seria do carnaval se não houvesse as quartas-feiras de cinzas? São as cinzas que nos informam o tamanho do incêndio. Assim, quanto mais divertida tenha sido a festa, mais cinzas encontrarão na quarta. Despirmo-nos de nossas fantasias é sempre muito doloroso e difícil. Podemos guardá-las para o ano seguinte, e o próximo e o outro mas sempre chegará o dia que teremos que nos desfazer de vez delas. Na quarta de cinzas o pierrô folião retorna as suas origens, volta ao inconsciente coletivo e se aloja para um período de recolhimento. Por isso alguns filósofos mais cautelosos dizem que a melhor maneira de não nos sentirmos muito infelizes é não ser feliz em excesso. A felicidade tem seu preço e por ser efêmera, passageira, sempre nos cobra o seu quinhão muito antes de estarmos preparados para pagá-lo.

Entretanto as fantasias são fundamentais, as ilusões e os sonhos também, pois nos trazem ânimo e servem de apoio para que o tédio seja afastado pelo menos temporariamente. Assim, é importante ter bem claro que, assim como as quartas-feiras de cinzas, sempre haverá outros carnavais. Essa expectativa nos dá força na criação de novas fantasias e garante a festa seguinte.

A síndrome do Garfield (que detesta as segundas-feiras) mácula este dia da semana, que, como outro qualquer, será sempre um desafio. Acordar pela manhã, repassar as atividades previstas para o dia e sair da cama, é sempre um desafio, independente de ser segunda, terça ou sexta-feira. Existir é um desafio e o contrário seria o nada. Sobre este assunto os filósofos costumam perguntar: por que o ser e não o nada? Se pudéssemos responder de forma convincente a esta pergunta a vida perderia o seu propósito. Não saber exatamente o propósito da vida é um truque da existência e com ele precisamos nos acostumar. Alguns filósofos orientais costumam dizer: a vida não tem um significado, um sentido a ser procurado e encontrado, é preciso dar sentido a vida. Somos nós que pomos sentidos a vida e esse é o nosso trabalho de todas as manhãs independente do dia da semana, ou do mês, ou do ano.

* Sérgio Peixoto Mendes é filósofo e escritor, autor do livro *Gestão do Conhecimento Individual* em: <http://www.visualbooks.com.br/?show=MostraProduto&codigo=01024>